

NO RASTRO DE FAWCETT

As novas descobertas da expedição que foi ao Xingu na tentativa de acabar com um mistério de 71 anos: o sumiço do coronel inglês Percy Harrison Fawcett

por CLAUDIA GIUDICE

A odisséia do tenente-coronel Percy Harrison Fawcett, o explorador inglês que há 71 anos desapareceu em algum lugar entre Cuiabá e a Serra do Roncador, no Mato Grosso, parece não ter fim. Em julho passado, uma nova expedição, a Autan, comandada pelos executivos paulistas James Lynch e René Delmotte, trouxe novas luzes para o mistério, que já foi tema de vários livros e até hoje mobiliza os súditos da rainha Elizabeth. Lynch e seus quinze companheiros de viagem voltaram aos seus escritórios em São Paulo trazendo uma certeza e uma nova versão para a história do sumiço do bravo inglês. A certeza é que existe o tal Campo do Cavalo Morto, citado por

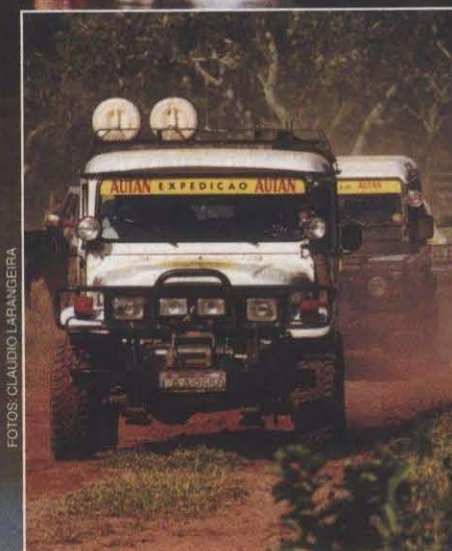


Fawcett em seus escritos sobre sua primeira expedição, em 1921. "Sobrevoamos o local indicado pelo explorador, checando inclusive a latitude e longitude com GPS. No meio da mata fechadíssima, havia um campo bem próximo a um rio, do jeito que Fawcett descreve em seu livro. Portanto, ele não estava despistando, nem mentindo", acredita Lynch. Quanto à nova versão, antes de contá-la é preciso resumir a história do tenente-coronel da Real Artilharia Inglesa para aqueles que ainda não conhecem o mítico personagem.

Fawcett era um homem obstinado, corajoso e místico, iniciado em rituais tibetanos. Em suas andanças pelo mundo, travou contato com lendas e relatos que indicavam a Serra do Roncador, no Mato

Grosso, como o esconderijo de uma cidade perdida, que ele chamava de "a misteriosa Z", e das antigas minas de ouro de Muribeca, citadas por bandeirantes brasileiros no Documento 512, guardado até hoje na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Além disso, Fawcett procurava provas da existência ou do caminho para uma avançada (e mística) civilização — talvez a lendária Atlântida.

Com o objetivo de encontrar a cidade Z e as minas, Fawcett empreendeu duas expedições no Mato Grosso. A primeira, em 1921, terminou com a morte de seu cavalo no já citado Campo do Cavalo Morto, finalmente encontrado pelos aventureiros-executivos. A segunda expedição começou em março de 1925, quando ele, seu filho Jack e seu secretário, Raleigh Rimell, deixaram a cidade de Cuiabá em direção à Serra do Roncador.



FOTOS: CLAUDIO LARANGEIRA

Pelas águas do Xingu, de jipe nas estradinhas de terra e a pé nas trilhas da Serra do Roncador, quinze aventureiros refizeram a provável rota da última expedição de Fawcett, cuja história TERRA contou na edição de janeiro de 1995 (detalhe na página ao lado)

A última notícia que o grupo mandou datava de 30 de maio daquele ano. Desde então, cientistas, o governo inglês, familiares, aventureiros, exploradores e um punhado de esotéricos tentam descobrir, sem sucesso, qual foi o destino do lendário coronel.

De paletó e gravata, sentado em sua sala no sexto andar de um prédio de escritórios em São Paulo, o executivo brasileiro-americano James Lynch apresenta uma nova versão para o caso. "Durante nossa expedição, tivemos um encontro com os índios calapalos no Parque Nacional do Xingu. Até então, esses índios sustentavam a história de que Fawcett tinha sido morto pelo índio Cuvuquirá ao atravessar a Lagoa Verde, vizinha ao Rio Culueene. Os índios teriam, então, enterrado o corpo de Fawcett ali, local onde anos mais tarde o sertanista Orlando Villas Bôas encontrou a pretensa ossada do explorador", relata Lynch, que, como todos os apaixonados pela saga do coronel, conhece os mínimos detalhes de sua história.

Tudo isso aconteceu em 1951, quando o empresário das comunicações Assis Chateaubriand transformou o caso em manchete de todos os jornais e patrocinou a entrega solene dos ossos para Brian Fawcett, filho caçula do explorador, que, após exames da arcada dentária, negou serem de seu pai aqueles restos mortais. "Agora, os índios negam que os ossos são do Fawcett. Contam que na década de 50 havia uma enorme pressão do governo e do Serviço Nacional de Proteção ao Índio para que o caso fosse esclarecido. Com medo da força do branco e pressionados por não ter uma história para contar, os calapalos, a mando do então chefe da tribo, Caiabi, desenterraram a ossada de um cacique, tido como o mais alto do grupo. O corpo foi enterrado às margens da Lagoa Verde, que tempos depois eles apontaram como sendo o local do assassinato de Fawcett", relata James Lynch.

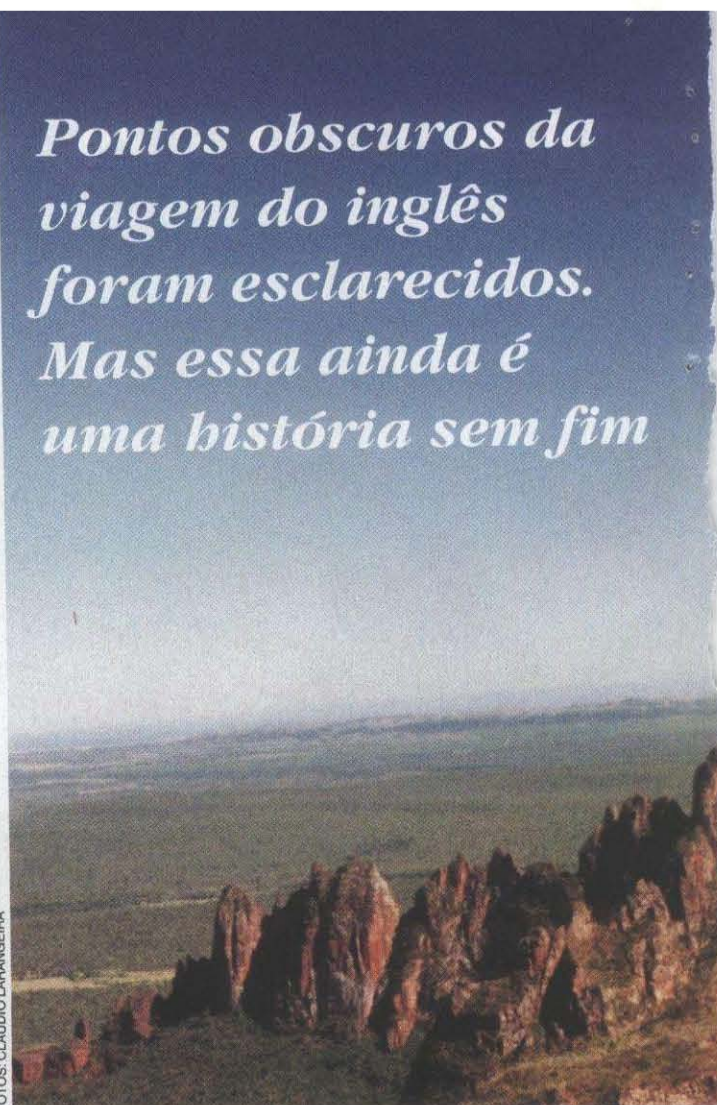
A história seria apenas mais uma em um novelo de causos e lendas se não fosse a chance real de uma prova científica. Ao contar a nova versão, os calapalos apresentaram também três netos vivos do cacique que emprestou seus restos para a lenda do coronel — a ossada, que foi recusada por Brian Fawcett e que ficou vários anos guardada no sótão da casa de Orlando Villas Bôas, está em posse do médico legista Daniel Dantas, um dos membros da expedição Autan. "Nós estamos pedindo a autorização da Funai para que seja coletado o sangue desses três descendentes. Por meio do exame de DNA, que será feito por Dantas, finalmente poderemos esclarecer de uma vez por todas a história", planeja Lynch. Além disso, quando for feita a coleta do material, o legista



As selvas do Xingu, cenário da saga do coronel Fawcett

Pontos obscuros da viagem do inglês foram esclarecidos. Mas essa ainda é uma história sem fim

FOTOS: CLAUDIO LARANGEIRA

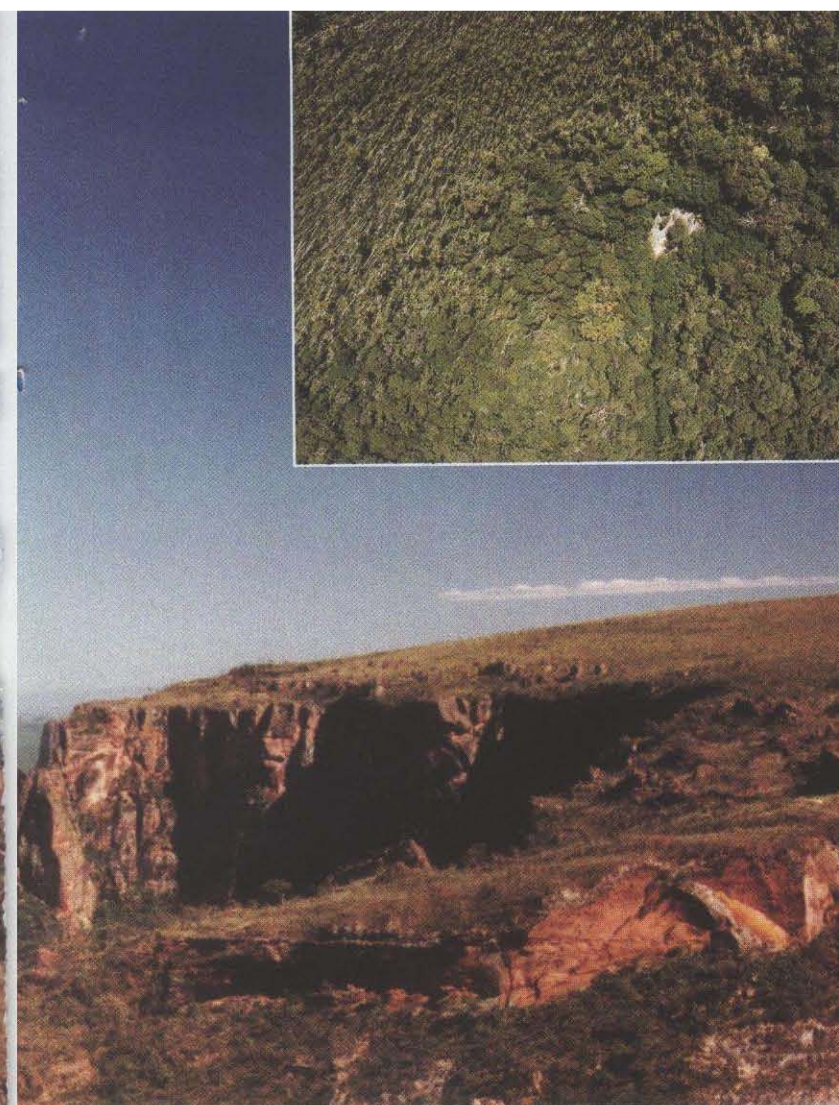


SEQÜESTRO NA SELVA

Qualquer pessoa que queira entrar nos limites do Parque Nacional do Xingu tem de pedir uma autorização para a Funai. Foi exatamente essa a providência tomada pelo líder da expedição Autan, James Lynch, ao chegar à cidade de Canarana, no Mato Grosso. Com a autorização assinada pelo administrador do parque, lanaculá Rodarte, na mão, o executivo paulista e onze companheiros não acreditaram quando foram cercados e presos por um grupo de índios camaiurás, liderados pelo chefe do Posto Leonardo Villas Bôas, Ararapã. "Estávamos nadando em uma lagoa próxima à aldeia dos índios cuicuros, que estavam nos hospedando, quando eles chegaram armados até os dentes. Fomos levados ao Posto Leonardo, onde

nos esperavam oitenta índios de seis tribos, pintados para a guerra", lembra Lynch, que naquele momento se sentiu como aqueles aventureiros de história em quadinhos acossados por selvagens famintos.

"Eles queriam que entregássemos tudo o que tínhamos, caso contrário ameaçavam nos surtar com borduna, estuprar e nos deixar presos", relata Lynch, que, junto com seu grupo, ficou seqüestrado durante dois dias no meio da selva. Quando o executivo se refere a "tudo", quer dizer os dois barcos construídos especialmente para a expedição, motores de popa, combustível, barracas, alimentos, roupas, lanternas e os demais equipamentos. "Nós ficamos olhando o tem-



Os cuicuros: hospedando os aventureiros seqüestrados

po todo para o chão para evitar qualquer provocação que pudessem aumentar a ira dos índios.

Enquanto o índio Aritana, que também trabalha na Funai, tentava apaziguar os seqüestradores, Lynch começou a entender o porquê da confusão. Segundo apurou, o Baixo Xingu está em pé de guerra com o Alto Xingu desde a

morte misteriosa do filho do cacique Raoni. Durante a expedição, os aventureiros iriam contar apenas com a hospitalidade dos índios cuicuros, o que pode ter despertado uma certa inveja em colegas de outras tribos. "Nós tínhamos um contrato e prometemos dar um motor de popa de 25 hp para a tribo", conta Lynch, que atribui o incidente a erros cometidos por funcionários da Funai. Ainda bem que tudo acabou de forma pacífica. Queremos agora o nosso equipamento de volta, nem que seja para doá-los aos índios em troca do exame de DNA para checarmos a ossada do Fawcett", conclui o expedicionário, que foi o último membro da expedição a deixar, de avião, o lugar do cativeiro.



CAMPO DE MISTÉRIOS

Na região da Serra do Roncador, no Mato Grosso (foto maior), a expedição chefiada por James Lynch (acima) julga ter encontrado na mata fechada o Campo do Cavalo Morto (ao lado), citado por Fawcett em seus escritos.

Dantas quer voltar ao local onde foi encontrada a ossada para ver se descobre mais alguma pista.

Na época em que os "ossos do coronel" foram descobertos por Villas Bôas, a ciência oferecia poucas opções de investigação. Hoje, no entanto, basta um exame de DNA para esclarecer tudo. O problema é que a família Fawcett nunca quis colaborar. Brian tinha tanto desprezo pelo esqueleto que chegou a declarar ao sertanista Villas Bôas que "jamais trocaria o mistério e o fascínio da morte de meu pai por meia dúzia de ossos velhos". Brian já morreu, mas sua irmã, Joan Fawcett, parece determinada a manter o mistério — nem quis saber de comparar o seu DNA com o da ossada.

No entanto, os aficionados por esse mistério já podem aguardar os próximos capítulos, que irão revelar a prova científica dessa nova versão para o caso. Contudo, se os calapalos estiverem falando a verdade, a solução do mistério do coronel fica ainda mais difícil — afinal, ele pode ter morrido em qualquer metro quadrado da Serra do Roncador. Ou, ainda, como acreditam os fiéis seguidores da Sociedade Eubiose, que cultuam Fawcett na cidade de Nova Xavantina, no Mato Grosso, o explorador pode ter escapado dos índios e, simplesmente, encontrado aquilo que procurava.